

Conto tradicional: [O Príncipe Lagarto]

→ **Classificação do Conto:**

- Conto de animais.
- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 433 B *O Rei Lindorm*.
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Julho de 2007

→ **Assunto:** Desesperada uma princesa pede a Deus que lhe dê um filho. Nascerá então um lagarto com modos de gente, cujo encantamento só poderá ser quebrado através do milagre do verdadeiro amor.

→ **Palavras-chave:** Alentejo, ama, amor, Austrália, beijo, Brotas, casamento, cegonha, deus, Espanha, Évora, farda, filho, jardim, lagarto, lágrimas, mora, padre, papagaio, pavão, princesa, príncipe, pomba

→ **Região:**

- **Distrito:** Évora
- **Concelho:** Mora
- **Localidade:** Brotas

→ **Contador:**

- **Nome:** Custódia Mariana
- **Data de nascimento:** 1927
- **Residência:** Brotas

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** Junho de 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:13:38 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Junho de 2007
- **Palavras:** 1650

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Março de 2010
- **Palavras:** 1475

[Príncipe Lagarto (1)]

«[A] Princesa Maria e o Príncipe Afonso viviam muito felizes com o seu povo. O povo era muito bom e eles estimavam-no muito e também [o povo à] Princesa Maria e [a]o Príncipe.

E então (passou) passava-se tempo e a Princesa Maria pedia a Deus que lhe desse filhos (que na' tinha filhos). E o tempo passava, passava e ela não concebia e ia sempre pedindo a Deus que lhe desse filhos. E nada. Nada disso acontecia.

Até que, uma vez, ela descontente, triste e zangada com Deus gritou e disse:

– *Ó Deus! Dá-me... Dá-me um filho, nem que seja um lagarto!* – E desabafou.

E ficou assim. E passou-se tempo, começou a andar doente. E o Príncipe falou com o doutor do palácio e disse:

– *Tem de consultar a Princesa Maria, porque ela anda doente.*

Ele foi consultá-la e, depois de a consultar, deu os parabéns ao Príncipe Afonso e à Princesa Maria porque ela estava grávida. E ela ficou muito contente (e), ficou radiante que ia ter um filho ou uma filha!

E depois passou-se o tempo, passou-se, passou-se e chegou a altura da criança nascer. E atão o médico lá estava, o doutor lá estava pra ajudar lá no que fosse preciso. E o médico, quando viu nascer um lagarto – um lagarto no lugar de uma criança –, ele pôs as mãos na cabeça e disse:

– *Oh! Meu Deus! Não há memória de uma coisa assim!*

E a Princesa Maria ouviu aquilo e o Príncipe disse assim:

– *Um lagarto! Mande matar...Mande matar o bicho!* – Disse o Príncipe. – *Mande matar o bicho!*

E a Princesa Maria começou a chorar e a gritar e a dizer:

– *Não! Não! Não porque eu...Eu não...Não quero que matem o bicho! Porque é como sendo meu filho! Tenho o quarto já arranjado e tudo, e ele vai ser dono do quarto. E vai ser dono de tudo e é protegido em tudo!*

(O médico dizia assim e o Príncipe) e o Príncipe Afonso disse assim:

– *É tudo como a Princesa Maria quiser! Como quiser dar a criação ao bicho! É tudo como, como quiser.*

E ela hesitava... (Aquilo foi uma coisa do bom e do melhor, tudo ali pa' esperarem uma criança...) E depois ela, de vez em quando, lembrava-se de ter feito aquele pedido zangada com Deus. De vez em quando lembrava-se que tinha sido castigo de Deus mas (tinha) tinha uma esperança, tinha... Enfim...

Quer dizer que depois o Príncipe começou a dizer à Princesa Maria:

– *Fecha-se no quarto e isto é segredo pra toda a gente. [Para] ninguém saber que temos um lagarto no lugar de um filho!* – E ela... E ela anuiu.

Mas atão o lagarto tinha já uma ama, tinha um ajudante (pa' a ajudar), mas atão o lagarto que era só subir pas paredes acima, pelos tectos acima, espalmava-se (o quarto tinha duas janelas), espalmava-se nas janelas.

E passava por ali um bando de pombinhas (que o jardim do palácio era mesmo na frente da [janela]...o palácio do jardim) e ele, passava[m] ali as pombinhas e as pombinhas brancas, um bando delas, começ[aram] a vê-lo lá espalmado na coisa [janela] e notaram – as avezinhas notaram que havia ali qualquer coisa. E aquilo, transmitiram aos outros (porque o coiso, o jardim 'tava cheio de [bichos:] tinha um pavão, tinha um... Tinha um pavão, tinha a cegonha, tinha o papagaio e isso...

Quer dizer que andava tudo a esconder, pa' não ver ninguém, que era uma vergonha o povo saber que tinham um filho lagarto. Quer dizer que depois ele na' tinha sossego. Na' tinha sossego [pois] parece que as pombas que foram transmitir à cegonha e a cegonha às cegonhinhas (que passavam lá a verem-no (coiso) ali espalmado) ... Aquilo era para ali uma coisa...

E depois a ama começou a ver... E ele queria sair, mal que a porta se abria um bocadinho iam logo, não o deixavam ir tão pouco para o coiso... Para ninguém o ver ... E depois ele começou a chorar! A chorar, as lágrimas caíam por ele abaixo e até chegavam ao chão – o chão todo molhado! E a ama, a ama começou a estar aflita, aflita e disse assim:

– *Oh, Meu Deus! Atão, tu sofres?! Tu sofres!? Tu tens desgosto? Tu sofres?*

E abanava a cabeça que sim. Abanava a cabeça que sim, pois não falava. Abanava a cabeça que sim. E ela disse:

– *Tenho que transmitir à Princesa Maria o que se passa!*

Depois disse à Princesa Maria:

– *Preciso muito de falar com a Princesa Maria porque passa-se [que] o lagarto chora muito!*

[Princesa Maria:] – *Chora muito?!*

[Ama:] – *Sim! As lágrimas caem-lhe dos olhos pelo corpo afora. Até caem no chão! A gente anda cheios de pena do, do... Deixe-o ir ao menos para o jardim, para ele distrair com as outras avezinhas e com as outras coisas.*

A Princesa foi logo vê-lo. E foi logo e viu que realmente era assim como ela estava a dizer. Ele até molhava o chão com o choro.

[Princesa Maria:] – *Há aqui um mistério muito grande!*

E atão (começou) disse assim:

– *Deixem-se estar descansados que amanhã ele sai já daqui! Vai distrair pò jardim. Vou-lhe comprar uma farda.*

Foi-lhe comprar uma farda: um boné, umas luvas e uns sapatinhos próprios para o que era. E fardou-o e arranjou-o e levou-o pò jardim. Ora ele todo contente! Era o pavão de roda dele – abria o leque, fechava o leque – e ele ria, ria contente, satisfeito! Depois a Princesa Maria dizia-lhe assim:

– *'Tá contente? – (Tratavam-no por príncipe!) – O Príncipe 'tá contente? 'Tá contente?*

E ele abanava a cabeça que sim! Que 'tava! Pois, ele queria dizer que estava muito contente. A cegonha passava com aquelas pernas altas, compridas, muito vaidosa, passava por ao pé dele e tudo... E ele ria-se de a ver – era feliz! Era feliz!

Bem, o tempo passou-se. O tempo foi-se passando, foi-se passando e o povo começou tudo a saber! Até chegava já pa' outros países e pra tudo coisa... Os mensageiros mandavam (porque isto é coisas muito, muito antigas!), os mensageiros passavam aquelas mensagens, aquelas coisas e iam, iam mensageiros mesmo aos outros países contar o que se tinha passado – que a Princesa Maria que tinha um, um filho que era...

E ela começou a levá-lo quando havia aquelas festas de, de aquelas coisas de palácio, aquilo... E ele fardado e tudo e no meio dos pais – dos pais, eram praticamente os pais – no meio dos pais. Ele portava-se como sendo uma pessoa: fazia a continência, tinha aqueles gestos como se fosse uma pessoa. E depois tudo se impressionava com isso! Vinha[m] pessoas dos outros países, tudo para ver se era verdade isso acontecer.

Lá no (no coiso no) jardim o papagaio quando ouviu – o papagaio foi o primeiro a saber – quando ele (quando ele) ouviu os criados lá do jardim dizerem assim:

– *Nem é criança! É um bicho! (O papagaio...) – É um bicho! A Princesa Maria na'... – E eles tudo admirado!*

Mas o papagaio ouviu e (o papagaio tem meia-fala) disse assim:

– *Ai, que desgraça! Que desgraça tão grande! Que desgraça tão grande! Nem é criança! É um bicho!*

Mas ele andava naquelas coisas com as avezinhas. Até andava contente de ser livre!

Bom, passou-se o tempo. Passou-se o tempo, começou-se aquilo a espalhar e (a)quase pelo mundo inteiro. E depois chegou à altura (como casavam muito cedo os Príncipes nessa altura), chegou à altura de falarem-no em casamento. Quer dizer que os mensageiros andavam pelos países e houve umas Princesas que iam lá pra... Mas era pra verem o que é que se passava, não era para se casarem com ele! Ia uma, ia duas, ia três... E chegou a ir quatro. Quatro, uma de cada vez. Umag chegavam lá negavam-se a casar com ele, n'é? Negavam-se a casar com ele:

– *Ai! Na' posso! Na' posso!*

Mas havia na Austrália uma Princesa chamada Ana e tinha fama de ser das pessoas mais bonitas do mundo e bondosas. E essa, quando soube de ele ser rejeitado por aquelas quatro, quatro Princesas, e ela atão pensou assim:

– *Atão e eu? ... Vou eu casar com o Príncipe Lagarto!* – O coração dela era muito bondoso e teve pena dele. E disse para os pais: – *Vou casar com o Príncipe Lagarto!*

Os pais acharam errado, mas ela foi casar com o Príncipe Lagarto. Foi para a Espanha para casar com o Príncipe Lagarto.

Aceitou. A família ficou tudo muito contente: o pai e a mãe, e isso,... do Príncipe Lagarto, do filho ter, do filho, do bicho [ter] quem o quisesse!

Bem aquilo juntou-se tanta gente no dia do casamento que teve de ser ao ar livre. Fizeram um altar e estava o Senhor Padre pa' fazer o casamento e aquilo era uma enchente [que] uma coisa parva! E depois diz assim (o Príncipe), diz assim o Senhor Padre para o Príncipe, o Senhor Padre diz para o Príncipe Lagarto:

– *Aceita para sua esposa a Princesa Ana?*

Ele abanou a cabeça que sim. E depois disse para a Princesa Ana:

– *Aceita para seu esposo o Príncipe Lagarto?*

E ela disse:

– *Sim, aceito.* – E beijou. Agarrou-se a ele e beijou-o.

E o céu... O chão começou a tremer e o céu começou tudo a tremer e as pessoas tudo aos gritos que era o fim do mundo! Mas aquilo foi só uns momentos, foi só uns segundos. Acalmou-se tudo, ficou tudo assim... Tudo sossegado. E depois ficou tudo com os olhos no altar. Mas o Príncipe Lagarto já lá na' estava! 'Tava lá era um lindo Príncipe – uma pessoa famosa, uma pessoa bonita! Um lindo...Uma linda pessoa! E foi... Transformou-se aquilo num... num amor! Foi um sinal de amor! E sinal que Deus transformou-o ali nessa pessoa!

E atão conta a minha história que foram muito felizes e tiveram filhos lindíssimos!».

Custódia Mariana, 80 anos, Brotas (conc. de Mora), Junho 2007.